

**Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.**

**"BENÇA MINHA MÃE, PARA LUTAR E ESCREVIVER"
NOTAS SOBRE O RACISMO E A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.**

**"BLESS MY MOTHER, TO FIGHT AND WRITE TO LIVE" NOTES ON RACISM AND
ANTI-RACIST EDUCATION IN UNDERGRADUATE PSYCHOLOGY.**

Kelly Adriana de Campos Benzoni

Maria Júlia Oliveira Cecilio

Renata Cristina Oliveira Cecilio

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Ricci Molina

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como principal foco a identificação de práticas racistas e a superação delas a partir da escrevivência de pesquisadores sobre a graduação em Psicologia, visando o fortalecimento da educação antirracista neste contexto. Para alcançar este objetivo, adotamos a escrevivência como referencial teórico articulado à metodologia de pesquisa bibliográfica. A coleta de dados foi realizada na fonte Banco Digital de Teses e Dissertações e a amostra resultou em apenas 1 Dissertação em Psicologia. O tratamento dos dados se deu por meio da leitura compreensível da narrativa, a partir da codificação de vivências pertinentes às categorias: de racismo; de enfrentamento ao racismo, e; da educação antirracista. Por resultado, houve a identificação de três eixos relacionais que se articulam e sustentam a narrativa textual da amostra: eu; nós, e; outros/as. Através desses eixos, foram reconhecidas as vivências relativas ao racismo institucional, com cenas de epistemicídio racial acadêmico; ao enfrentamento do racismo, por meio de coletivo de estudantes pretas, e, a busca pela justiça curricular como princípio da educação antirracista. Portanto, a trajetória acadêmica de pessoas pretas transversa do letramento racial à problematização do currículo de Psicologia, com a chamada para a decolonização da formação de Psicólogos(as), a qual se faz com a reexistência das pessoas pretas pela benção do aquilombamento.

Palavras-Chave: escrevivência; racismo; psicologia; educação antirracista

ABSTRACT

This Final Course Work (TCC) focuses primarily on identifying racist practices and overcoming them through the writings of researchers on undergraduate Psychology programs, aiming to strengthen anti-racist education in this context. To achieve this goal, we adopted writing as a theoretical framework combined with bibliographic research methodology. Data collection was conducted in the Digital Database of Theses and Dissertations, and the sample resulted in only 1 Dissertation in Psychology. These data were processed through a comprehensive reading of the narrative, based on the coding of experiences relevant to the previously determined categories: racism; confronting racism; and anti-racist education. As a result, three relational axes were identified that articulate and support the sample's textual narrative: I; We; and; Others. Through these axes, experiences related to institutional racism were identified, with scenes of academic racial epistemicide; confronting racism through a collective of Black students; and the pursuit of curricular justice. Therefore, the academic trajectory of black people goes from racial literacy to the problematization of the Psychology curriculum, as fundamental principles for an anti-racist education within the training of Psychologists, without which it cannot be done without their re-existence through the blessing of quilombola.

Keywords: escrevivência; racism; psychology; antiracist education

INTRODUÇÃO

Adotamos a escrevivência como referencial teórico articulada a metodologia de pesquisa bibliográfica. Buscamos por produções de pós-graduação que problematizam o racismo na graduação em Psicologia a partir da perspectiva de pessoas pretas protagonistas dos seus estudos. Estes estudos são acontecimentos recentes em ciências humanas e sociais que vão além do caráter descritivo de informações sistematizadas e provindas de entrevistas individuais ou em grupos, da literatura, de dispositivos audiovisuais e imagéticos ou pela observação introspectiva evocada por pesquisadores-sujeitos do próprio estudo. Eles configuram um ato político na produção de conhecimento, como finalidade última de resistência e reexistência, especialmente de mulheres negras, conforme Conceição Evaristo (2017).

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), a escrivência se manifesta de forma colaborativa e plural entre nós, autoras-pesquisadoras - duas mulheres pretas e duas mulheres brancas -, para compor ao arquivo da educação antirracista. Há o reconhecimento da dimensão racializada que nos atravessa, molda experiências e perspectivas sobre o racismo como vivência fundante das subjetividades. Contudo, a transformação da realidade se fará mediante a configuração de relações dialógicas e horizontalizadas a favor da desracialização. E, nosso encontro é, portanto, demonstração desta potencialidade com a educação antirracista.

Avaliamos que cada uma de nós está situada em um lugar de fala, de acordo com Djamila Ribeiro (2017), e, de saber localizado, como indica Danna Haraway (1995). Portanto, nosso texto é fruto de um processo dialógico iniciado por memórias individuais sobre relações raciais para a tecitura de uma narrativa coletiva, que desvela as dimensões estruturais e cotidianas do racismo diluído socialmente, com foco na importância que a temática assume no âmbito da escolarização das pessoas pretas e, especificamente, no contexto de formação inicial de psicólogos(as).

Assim, a PRIMEIRA PARTE da INTRODUÇÃO consta de nossa apresentação. Sem ela desapareceríamos diante de quem nos lê. Então optamos por uma escrita que intersecciona nossas diferentes posições mesmo nos autorreferenciando pelo uso do pronome ‘nós’. Na SEGUNDA PARTE da INTRODUÇÃO, apresentamos uma explicação de cada termo em negrito deixado no subitem anterior, feito rastros representativos de uma análise dada em camadas sobre a identificação do problema: o racismo, a teorização do mesmo, e; como pode ser superado, se combatido. É então que deste ponto explicitamos nossos objetivos e o desenho da pesquisa, em DESENVOLVIMENTO. Nele, descrevemos os passos e parâmetros nesta arte de investigar e produzir conhecimento no campo da Psicologia Social e da Psicologia da Educação e Escolar. Finalizamos com uma CONSIDERAÇÃO FINAL – ESPERANÇOSA -: de que a busca pelo aquilombamento do mundo só será possível com a ancestralidade inscrita em “BENÇA MINHA MÃE, PARA LUTAR E ESCRIVIVER, cuja ponte se faz com a “nota do racismo e da educação antirracista para a formação em Psicologia”.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Primeira parte feita de experiências plurais de racialização

Nossas primeiras incursões na percepção da diferença racial datam da tenra infância, entre os três e quatro anos de idade. No ambiente da educação infantil, fomos confrontadas com a cantiga “[...]neguinha do saravá, quando peida sai fubá[...]” (sic), entoada por um grupo de crianças. A comunicação do ocorrido à professora restou silenciada. Compartilhamos o episódio com nossa irmã mais velha, que nos orientou a responder às agressoras, no dia seguinte, com “[...]leite azedo tira a calça e faz xixi[...]” (sic). A retaliação foi levada pelas meninas à professora e culminou em nossa punição, incutindo-nos a crença de sermos as únicas culpadas.

Essa experiência primária despertou em nós a pueril e persistente convicção de que apenas as pessoas pretas defecavam e tinham flatulências, associando a negritude a uma condição de impureza corporal. Somente por volta dos nove anos de idade tivemos a constatação de que pessoas brancas também compartilhavam dessas mesmas funções fisiológicas, o que nos assolou com um misto de horror e incredulidade.

Na infância mais tardia, a experiência da **racialização** nos impôs um estado de alerta constante, como uma espécie de prontidão para o enfrentamento. Em certa ocasião, chegamos a confrontar a vice-diretora da escola. No dia seguinte, acompanhadas por nossos pais, buscamos diálogo com o diretor (marido da vice-diretora), expondo nosso ponto de vista. Posteriormente, a vice-diretora reconheceu a inadequação da sua conduta, apresentando suas desculpas.

Ainda no ensino fundamental, lembramos também de um contexto avaliativo, em que a professora de ascendência japonesa dirigiu-se a uma de nós, questionando o posicionamento da nossa mão sob a carteira, em um dia de prova. Uma colega à frente respondeu com um interrogativo “Eu?” (sic), ao que a professora retrucou: “Não, essa pretinha de trás” (sic). A professora presumiu uma tentativa de fraude (por “cola” das respostas na prova), ecoando uma lógica social que frequentemente associa pessoas pretas à transgressão, similar à abordagem policial seletiva. Contudo, a aluna que efetivamente “colava” era a menina à frente, de fenótipo branco. Novamente, a mediação parental foi necessária. Em reunião com a direção escolar, a professora se desculpou e passou a nos chamar pelo nome, o que não havia ocorrido até o final do segundo bimestre letivo. Notadamente, ela não sabia nos identificar, até então, pela maneira mais categórica de se identificar alguém: pelo nome próprio.

Ainda na infância, a inserção de Jairzinho, um menino preto, no grupo da Turma do

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Balão Mágico, representou um marco significativo para nós. Pela primeira vez, visualizamos na televisão uma representação de nós mesmas em termos de raça e idade, gerando um sentimento genuíno de alegria e pertencimento. Ainda na década de 1980, a Turma do Balão Mágico foi substituída pelo "Show da Xuxa" e suas "Paquitas", cujas personagens refletidas uniformemente pelo fenótipo branco nos transmitiam a mensagem implícita da nossa exclusão, tornando ainda mais marcante a padronização que se repetia em diversos espaços sociais em que transitamos.

Contudo, feito um alento, por volta dos nove anos de idade, nossa avó paterna, nascida em 1910, compartilhou conosco a história da sua avó: uma princesa africana que fora escravizada e trazida à força para o Brasil com toda a sua família. Essa história ancestral despertou em nós um profundo senso de identidade e de conexão com a história de nosso povo.

Ao passo que revisitamos outras experiências sociais, a recorrência de padrões racistas manifestos em **políticas de branqueamento** se torna evidente. Por isso, as adaptações em nossos cabelos, vestimentas e desempenho escolar eram estratégias para construir uma aparência que nos conferisse maior segurança em espaços públicos. A constante possibilidade de sermos objetificadas como um risco social, inerentemente perigosas ou transgressivas, nos impelia a circular com cautela. Sentíamos como se nossa presença anunciasse um "devir" associado ao perigo, à impureza, à potencialidade de macular ou contaminar aquilo que era percebido como límpido e imaculado.

Nesse contexto, os laços familiares sempre se constituíram como um refúgio e uma forma de resistência. Hoje, compreendemos o **aquilombamento** familiar como uma estratégia de proteção, uma busca por proximidade com aqueles que compartilham semelhanças conosco. E, enfrentamos a árdua tarefa de preparar nossos filhos e filhas para as nuances da racialização. Explicamos a necessidade de portarem documentos ao saírem de casa, dada a probabilidade de sua liberdade de ir e vir ser questionada pela polícia em função do **colorismo** da nossa pele. Ensinamos a importância de se manterem bem vestidos, com higiene pessoal e cabelos cuidados, pois a exigência de causar uma "boa impressão" é uma constante na experiência de pessoas pretas, um legado transmitido por gerações.

Contudo, nossos filhos e filhas começam a inscrever uma nova narrativa. Assumem seus cabelos crespos "blacks". Nossas filhas questionam a imposição do véu capilar. Lembramos que, quando crianças, brincávamos com pano na cabeça para simular cabelos longos - cabelos "de branco" -, pois para nós isso é que era bonito. Afinal não tínhamos outra referência, então de forma lúdica, mas muito significativa, já expressávamos o desejo de pertencer a um ideal de

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

beleza branca. Da nossa parte, não reproduzimos a lógica de que outras pessoas brancas precisam ser "melhores para serem iguais", mas compartilhamos a realidade vivenciada por pessoas pretas no Brasil e, em certa medida, no mundo ocidental.

Assim, influenciados por movimentos sociais e pelo ativismo civil, nossos filhos e filhas estão rompendo os grilhões do **racismo estrutural**, que por tanto tempo nos aprisionou no medo da não aceitação, da exposição e do julgamento. Eles reconhecem a liberdade de serem quem e como desejam, e a importância vital do aquilombamento, a respeito da proximidade com aqueles que compartilham nossa identidade, nossa história pessoal é coletiva e desemboca na luta incessante por dignidade, liberdade e igualdade na multiplicidade que consiste na expressão humana. Em contrapartida, um diálogo com uma amiga angolana, residente no Brasil há quatro anos, nos permitiu discernir que as questões étnico-raciais vivenciadas por seu povo possuem nuances distintas da nossa. Foi somente no Brasil que ela, uma mulher negra angolana, passou a experimentar as vivências que nos atravessam há séculos por aqui.

Enfim, nossa trajetória de escolarização nos conduziu ao ensino superior. Em uma atividade acadêmica sobre a "árvore genealógica profissional", deparamo-nos com a lacuna de informações que se estendia além de nossos avôs e avós. A escravidão foi desvelada por um processo de aniquilamento ou apagamento da cultura de um povo, como se a ancestralidade preta fosse desprovida de história. Mas este é o jogo da **colonialidade**.

Ao direcionarmos nosso olhar para as mulheres de nossa linhagem, descobrimos que nossa mãe, na juventude, enfrentou a necessidade de pedir comida nas ruas. Mas, foi também a primeira de sua família a concluir o ensino básico e superior. Essa conquista materna se refletiu em apenas um de seus seis irmãos, e, inspirou suas quatro filhas e seis sobrinhos. De uma mulher, alcançamos um total de 11 pessoas com ensino superior completo. Assim, através do aquilombamento, resistimos e ocupamos, cada vez mais, espaços diversos. Em vez de nos fecharmos, expandimos nossos horizontes, buscando conexões e reivindicando nossa humanidade e humanização.

Foi então no ambiente da graduação que nossos caminhos se cruzaram. Nós nos reconhecemos estudantes, pretas e brancas, mas eram elas, as pretas, que se destacavam em meio a um ambiente de escassa diversidade racial. E, foi em uma aula de Psicologia Social, cujo conteúdo específico nos escapa à memória, que suas palavras impactaram profundamente nossa aprendizagem. Elas transcenderam o tema da aula ao desestabilizarem os discursos tradicionais. A coragem em expor os rastros do estigma vividos em uma história pessoal com preconceitos e discriminações moldados na intersecção entre raça, classe e gênero foi notável.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Naquele momento, a afirmação da identidade ancestral e a motivação erudita própria dos dezenove anos possibilita a visibilidade de uma história das mulheres negras. Fizeram compreender que a tradicional incapacidade de construir políticas públicas voltadas à equidade racial reside na obstinada recusa em reconhecermos qualquer universo diverso do **pacto da branquitude**. Afinal, pessoas brancas, em geral, carregam consigo um senso de pertencimento a um mundo de privilégios e a uma genealogia moral de superioridade, demarcada por **dispositivos de racialidade** disseminados em práticas discursivas e não discursivas. Por efeito, pessoas brancas não se percebem racializadas; porque discursivamente não precisam do ato de “tornarem-se brancas” para resistirem e reexistirem.

Então, o significado atribuído àquele momento remontou às narrativas de nossa mãe. Ela nos contava, com um sorriso agridoce, sobre a ambiguidade da "vitória" de ter se casado com um homem branco, loiro e de olhos verdes. Pois, a pergunta recorrente que a assombrava ao frequentar o clube era: “Cadê a mãe dela?” (sic). Nossa mãe, parda. Nós, brancas. O paradoxo reside no fato dela ter sucumbido à política de branqueamento, enquanto a grandiosidade de sua história e ancestralidade permanecia invisível para todas nós.

Hoje, nos resta gratidão pela sua vida, pela coragem de silenciar essa invisibilidade de sua cor, para que, com esperança, encontrássemos uma existência livre das ameaças ao nosso direito de existir, como ela vivenciou em tantos momentos. Resta-nos, hoje, reconhecermos a bravura daquela jovem mulher preta, que nutriu nossas raízes por tanto tempo encobertas porque visava alguma garantia de aquilombamento para as filhas e netas contra o racismo.

É em virtude dessas trajetórias de nossas avós e mães, que nos unimos neste TCC em Psicologia, buscando dar visibilidade ao direito de existirmos como pessoas, segundo os princípios da dignidade humana e da justiça social. Nesta "refazenda" de palavras, almejamos que a formação em Psicologia esteja fundada nos princípios de uma **educação antirracista** e a escrita é nosso ponto de partida.

Foi na graduação que alcançamos a maturidade de nosso **letramento racial**. Resistimos, lutamos, permanecemos e nos tornaremos psicólogas. É assim que, ainda no ensino superior, anunciamos nossa origem: um aquilombamento que nos ofereceu a liberdade de construirmos nossa aparência na visibilidade de nossos cabelos trançados ou soltos, na autenticidade de nosso estilo de vestir, no realce de nossa beleza preta. Um espaço que nos ensinou a sermos o melhor de nós mesmas, porque essa é a nossa essência!

Recordamos os rituais de cuidado capilar promovidos por nossa mãe. Havia uma cadeira azul onde sentávamos, enquanto ela, no sofá, conduzia o processo. Éramos embaladas por

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

programas de entretenimentos infantis, filmes ou telejornais. Ao nosso lado, um banquinho de madeira abrigava o pente, o creme e os elásticos de silicone coloridos, escolhidos individualmente. Em nosso lar, somos princesas! No entanto, ousamos afirmar que, apesar dessa experiência de valorização doméstica, não tínhamos a noção de que esse lugar de reconhecimento não se estendia para além dos limites do aquilombamento familiar. Foi no ensino superior que essa tomada de consciência se tornou nítida, apesar da escolarização permeada por discriminações.

No ano de 2022, cursávamos o terceiro semestre da graduação. Na disciplina de Psicologia Social, o cronograma anunciava na "Semana 15 - Tema 5: Relações Raciais". Já cativadas pela abordagem da professora, aguardávamos com curiosidade a condução desse tema. O primeiro slide projetado continha a pergunta: "O que é racismo para você?". Em seguida, "Existe racismo no Brasil?". Recordamos a ansiedade que nos invadiu ao avistarmos esses *slides*. Pairamos em um limbo de incompreensão, sentindo visceralmente a dor daquelas indagações. Experimentamos a vergonha de olhar ao redor e não encontrarmos nossos semelhantes. Ainda, sentíamos como se todos os olhares convergissem para nós, tornando impossível sustentar o contato visual com nossos pares. Como confrontar neles a inscrição de nosso apagamento histórico-existencial?

Aquele dia representou um divisor de águas. Uma água que lava o sangue derramado e permite que o chão seja pisado novamente, embora a memória da violência persista. Intensificamos, então, nosso acesso à cultura preta, buscando brechas em cada aula para inserir a perspectiva de jovens mulheres pretas. Confrontamos e ressignificamos falas de professores e colegas, promovendo o letramento racial naquele contexto. Até que... Após o retorno das férias, fomos surpreendidas por um evento que reacendeu nossas esperanças. Em agosto, na aula das 9h30, nos encontramos em nossos lugares habituais, conversando antes da chegada da professora. Ficamos paralisadas!

O print de conversa via WhatsApp ilustra o impacto da descoberta de que a professora de uma das disciplinas do 4º semestre é negra. A foto 01 abaixo evidencia os sentimentos de euforia e de celebração diante de um ambiente organizacionalmente branco. O encontro evidencia a importância da representatividade acadêmica com resposta a busca pela equidade racial. Nós a observávamos com intensidade e expressamos nossa profunda felicidade por sua presença naquele lugar de saber – mesmo tendo uma permanência breve, motivada por uma mudança de cidade em busca de crescimento profissional, sua presença nos fortaleceu.

**Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.**

Foto 1 - Mensagem entre estudantes pretas



Fonte: acervo pessoal (2025)

Era possível! O exemplo da professora universitária negra era outra mobilidade social, de ocupação de espaço majoritariamente branco, que se somou ao olhar de nossas mães e avós. Nós nos impulsionamos a seguir adiante, dando continuidade à trajetória das mulheres que nos criaram e educaram para vivenciarmos a liberdade, a justiça e a dignidade que nos são inerentes.

Hoje, compreendemos a importância da educação recebida no aquilombamento. Entendemos o poder da educação para a ocupação de espaços. Persistimos em nossas intervenções como alunas em sala de aula, sem receio da repetição. Ninguém nos calará ou apagará novamente! Ousamos afirmar que somos a própria materialização do impacto do letramento racial agora diante de um novo desafio que se apresenta: encontrarmos fissuras no pacto da branquitude para que o “tornar-se negra” desvele e supere o mito da democracia racial brasileira.

Por isso também recordamos as ocasiões em que fomos chamadas a dar as mãos a outras crianças pretas na sala de aula, diante da recusa das crianças não pretas. Formamos pares na dança junina; compartilhamos mesa de atividades; parcerias nas tarefas escolares. A incompreensão da infância cedeu lugar ao entendimento atual: nossa abertura e proximidade se estendiam a todas as cores, sem distinção.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Essa talvez tenha sido uma lição aprendida em casa. A porta estava sempre aberta. Nossa mãe recebia amigas e vizinhas, compartilhando conversas, risadas e um acolhedor café com bolo, acompanhado de seu sorriso e abraços. Observamos a gentileza e o respeito de nosso pai para com todas as pessoas. Mesmo nos trajetos escolares com nossa mãe, ela insistia para que interagíssemos com as outras crianças no recreio. Éramos uma das poucas crianças não pretas naquela escola, mas as meninas nos acolhiam com afeto, convidando-nos para brincar.

Ao revisitarmos essas memórias, reconhecemos a pedagogia implícita no modo de ser de nossos pais: um amor que se manifestava no acolhimento, no fortalecimento e na libertação. Nossas primeiras lições freirianas. Hoje, no ensino superior, temos consciência da história das mentalidades, das mulheres, do movimento feminista plural, interseccional e negro. Fomos forjadas nas ciências humanas e sociais, onde a Declaração Universal dos Direitos Humanos fundamenta a busca por uma sociedade inclusiva e multicultural, pois a pluralidade nos constitui. Reconhecemos a genealogia da moral nietzschiana e, segundo problematizações foucaultianas, entendemos a guerra racial por segurança, território e governo sobre inimigos fabricados. Entendemos a produção das injustiças, das desigualdades, dos estigmas e dos preconceitos.

Portanto, sabemos que a humanidade ainda carece de um profundo exercício de alteridade! Quase falhamos na formação ética de nossos filhos, filhas e estudantes. Quase, porque estamos aqui, em busca de recontar, partilhar e abarcar a multiplicidade ética e estética da existência. Hoje, nós somos as professoras daquelas mesmas meninas e nutrimos a esperança de que elas venham a ocupar os lugares que desejarem; porque, mulheres, elas podem e conseguem!

Neste TCC depositamos a esperança de uma pedagogia e de uma educação antirracista para um mundo melhor. E pudemos compreender o quanto os coletivos estudantis são dispositivos fundamentais de luta para a construção de uma identidade curricular decolonial aos cursos de Psicologia. Afinal, outros poderão chegar até aqui aprendendo uma Psicologia atravessada pelo epistemicídio racial. Mas, como pessoas não pretas atuarão profissionalmente se não vivenciam o letramento racial necessário para que seja cumprido, juntas e juntos, o compromisso social, ético e político da Psicologia, traduzido nos princípios fundamentais do Código de Ética Profissional e resoluções pertinente à discriminação racial?

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Segunda parte com a busca por quilombamento para lutarmos e reexistirmos

O comércio transatlântico de pessoas sequestradas na costa ocidental da África, vendidas e escravizadas, entre os séculos XVI a XIX, proporcionou mão de obra para as colônias dos países europeus. Historicamente, no Brasil, os Quilombos ou Mocambos eram comunidades formadas por pessoas negras que fugiam da escravidão. Esses espaços e territórios autônomos representavam uma das principais formas de resistência à escravidão, por meio de uma organização coletiva que garantia a autonomia na produção dos recursos necessários à sua subsistência (Moura, 2022).

Atualmente, em um Brasil republicano e democrático, o conceito de quilombamento, transcende a ideia de resistência mediante determinação de um espaço físico. Não se restringe apenas ao ato de fuga e à criação de comunidades externas inscritas no território brasileiro. Pelo contrário, compreende a formação de redes de solidariedade e proteção que se iniciam nas famílias e se expandem por meio do intercâmbio com movimentos sociais, culminando na institucionalização de entidades do terceiro setor dedicadas à defesa e garantia de direitos.

O quilombamento é, assim, uma alusão ao retorno ou à dispersão desses mocambos no tecido social brasileiro, configurando-se como um lugar de fala e ocupação de espaços sociais, segundo Djamila Ribeiro (2017), onde os valores culturais afrocentrados podem ser vivenciados e transformados em termos de uma comunidade liberta e livre. Essa comunidade denuncia o pacto da branquitude e as políticas de branqueamento (Bento, 2022; Kilomba, 2019, 2020) conectadas ao epistemicídio cultural, acadêmico, literário e outros, visando a valorização da educação antirracista (bell Hooks; 2017) em perspectiva de uma nação inclusiva, forjada na diversidade de brasileiros.

Portanto, se mantém como contrapoder ou resistência a um pensamento de colonialidade ainda permanente e fundado em dispositivos de racialidade. Que, segundo Sueli Carneiro (2005), são práticas não discursivas (ações, instituições, rituais, e a própria organização da sociedade) e discursivas (palavras, leis ou teorias), que permeiam a construção do "ser" como sujeito branco e do "outro" como sujeito negro. O encontro do "eu" (grupo branco e europeu) com a racialidade ou etnicidade definiu a própria superioridade por meio da produção do que lhe seria inferior, classificando as pessoas com valência positiva em contraponto a negativa, cuja enunciação se dá com base na cor da pele.

Essa dinâmica de controle e vigilância pela opressão e apagamento ajuda a manter vivo o mito da democracia racial brasileira; uma ideia criticada por Neusa Santos Souza (2021) ao

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

demonstrar como essa narrativa promove uma falsa harmonia racial e mascarando o racismo real e as profundas desigualdades existentes. Para aprofundar essa compreensão, Djamila Ribeiro (2019) também desvenda as nuances desse mito e a necessidade de desconstruí-lo.

A exemplo da obra do rapper e ativista Emicida, em seu documentário 'AmarElo - É Tudo Pra Ontem' (Emicida; 2019). A escolha do icônico Teatro Municipal de São Paulo como um dos cenários centrais adquire uma camada de significado ainda mais crítica quando confrontada com a força de sua lírica. Ao ocupar o palco do teatro, Emicida quebra a lógica de um espaço tradicionalmente branco e elitista, transformando-o em um local de denúncia dessa violência histórica e de celebração da resistência negra, confrontando diretamente o mito da democracia racial ao expor a crua realidade da desigualdade e do racismo que o constructo busca encobrir.

Neste contexto, falar sobre letramento racial e decolonização é, também, uma forma de nos reconectarmos com histórias que nos atravessam — nossas e de tantas outras pessoas que foram silenciadas. É reconhecermos que vivemos em uma sociedade marcada pela violência, por resquícios da colonização e por um racismo estrutural, que impacta diretamente nossas relações, instituições e formas de ensinar e cuidar.

Assim, o letramento racial torna-se uma estratégia fundamental para a educação antirracista (bell Hooks; 2017), pois ensina pessoas pretas e não pretas a identificarem manifestações racistas internalizadas (Fanon; 2020, Souza; 2021), que, na socialização, tendem a ser aprendidas na inscrição de sua negação. Busca-se despertar em todas as pessoas a consciência sobre a produção das diferenças e das desigualdades pelo marcador social étnico-racial entre outros. Convida a reflexão crítica sobre nossas atitudes, valores e práticas cotidianas, promovendo a valorização das diferentes realidades e trajetórias (Ribeiro; 2019, 2017).

A decolonização, por sua vez, representa um movimento tanto acadêmico e epistemológico quanto social dado pelos coletivos pretos diversos organizados ou diluídos socialmente, em que se desvela aspectos interno e externo às estruturas de poder e conhecimento hegemônicos. Interno, porque exige uma revisão dos saberes tomados como únicos e universais, portanto, hegemônicos. Externo, porque propõe a valorização de epistemologias, culturas e saberes historicamente silenciados, negados e apagados pelo pensamento branco-eurocêntrico.

Letramento racial e decolonização são, portanto, formas de resistência. E, mais do que isso, são ferramentas para a construção de uma sociedade antirracista, plural e inclusiva.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Portanto, levamos em consideração, nesta análise, o termo epistemicídio acadêmico, cunhado por Boaventura de Sousa Santos (2007), que se refere aos processos de expropriação dos conhecimentos produzidos por pessoas e coletivos colonizados, inclusive no âmbito científico tradicional, aqui, com foco na população negra.

A ciência da Psicologia, ao longo de sua história, não esteve imune às influências do racismo estrutural, reproduzindo em muitos momentos discursos e práticas que contribuíram para a manutenção de desigualdades e preconceitos. Historicamente, a psicologia positivista e eurocêntrica, em sua busca por universalidade e objetividade, silenciou vozes, patologizou experiências e desconsiderou as especificidades culturais e raciais, perpetuando o epistemicídio acadêmico no campo psi (Fanon, 2020; Bento, 2022). Houve um período em que teorias psicológicas contribuíram para a justificação de hierarquias raciais, reforçando estereótipos e estigmas (Schucman, 2014).

Entretanto, a psicologia brasileira, especialmente impulsionada por movimentos sociais e pela atuação de psicólogos e psicólogas negros(as), tem passado por um processo de autocrítica e transformação, reconhecendo a urgência de incorporar o letramento racial e a educação antirracista em suas práticas e formações. Atualmente, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais de Psicologia (CRPs), em específico, o do Estado de São Paulo, têm emitido diversas resoluções e documentos que orientam a atuação profissional no combate ao racismo.

A Resolução CFP nº 18/2002, por exemplo, estabelece normas de atuação para psicólogos(as) em relação ao preconceito e à discriminação racial, afirmando o compromisso ético da profissão com os direitos humanos e a promoção da igualdade. O Guia de Referência para Atuação de Psicólogos(os) em Relação ao Racismo (CFP, 2017) oferece diretrizes para uma prática antirracista, abordando desde a formação profissional até a atuação em diferentes contextos. Conta-se com a iniciativa de coletivos antirracistas formados pelos CRPs, como o Grupo de Trabalho Relações Raciais e Branquitude do CRP de Ribeirão Preto, em que soubemos da participação de uma estudante preta do Centro Universitário Barão de Mauá. Essas ações visam desconstruir o racismo institucional e epistêmico dentro da própria área, promovendo uma abordagem que valorize a diversidade e combate às opressões.

Tal engajamento da categoria de psicólogos(as) vai de encontro da emblemática frase "a carne mais barata do mercado é a carne negra", que intitula uma das canções considerada por nós a mais impactante de Elza Soares (2002), escancara a marca histórica e psicossocial de desumanização da população negra no Brasil; um processo intrinsecamente ligado ao

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

epistemicídio, que desvaloriza suas vidas e saberes. Essa metáfora brutal denuncia como o racismo estrutural opera, reduzindo corpos negros a mercadorias descartáveis e ao ser mais primitivo, e silenciando suas vozes e conhecimentos – que a educação antirracista pretende resgatar, fortalecer, valorizar e compartilhar.

Mas, se estamos a apontar o epistemicídio acadêmico engendrado aos conceitos apresentados, qual a visibilidade do racismo e como a superação dele pode ser identificada segundo a escrevivência de psicólogos(as) pretos(as) durante sua graduação? É o que percorremos em nosso TCC. Afinal, dois pilares da educação antirracista que se relacionam diretamente com o ensino superior são: equidade racial e justiça curricular (Pinheiro, 2023; bell Hooks, 2017).

Então talvez nasça a dúvida sobre o porquê de isto não ter sido objeto de descrição da trajetória escolar vivida pelas próprias autoras. Entendemos que a formação desta amostra fortaleceria, primeiro, o entendimento político sobre o objeto investigado ser abrangente, não local. Segundo, pelo caráter pedagógico sobre o que podemos aprender com as pistas deixadas por estas pesquisadoras na escrevivência de sua trajetória acadêmica e que possam servir para problematização particular.

Afinal, o caráter democrático, laico e de pluralidade humana, bem como o combate e transformação de realidades oprimidas e discriminadas, segundo interseccionalidade de raça, classe e gênero são constructos possíveis de reconhecimento na construção dos princípios fundamentais do Código de Ética Profissional de Psicólogos(as) - (CPF, 2005), presentes nas diretrizes curriculares e nas práticas de ensino e aprendizagem no âmbito das graduações em Psicologia.

DESENVOLVIMENTO

O objetivo geral é o de identificarmos práticas racistas e a superação delas a partir da escrevivência de pesquisadores sobre a graduação em Psicologia, com a finalidade de fortalecimento da educação antirracista neste contexto.

Por objetivos específicos, pretendemos: (i) Identificar produções acadêmicas realizadas por pesquisadores brasileiros (as), em nível de pós-graduação, que tratam da escrevivência e trajetória acadêmica em cursos de Psicologia no Brasil, no período de 2020 a 2025, e; (ii) Levantar temáticas relacionadas ao racismo, bem como superações ou soluções afrorrerenciadas indicadas nessas escrevivências, no âmbito da educação superior.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Dessa forma, o método adotado possui enfoque qualitativo, porque tem por base a coleta e análise de dados voltadas à identificação, descrição e compreensão de temáticas evidenciadas na amostra para alcance dos objetivos. Assim, a pesquisa documental do tipo bibliográfica surge como estratégia adequada para alcance dos objetivos específicos. Ainda, sem o intento de generalizar ou replicar os resultados obtidos, apenas dar luz ao verificável proposto, o estudo bibliográfico visa dar visibilidade aos pesquisadores que se colocam como sujeitos da própria pesquisa, por reconhecerem que o escrever, o viver e o ser deles(as) confrontam as dinâmicas de poder academicamente instituídas e provavelmente deflagrantes do racismo institucional vivido, bem como proposições antirracistas.

Interessa-nos, pois, que a amostra formada evidencie a descrição de um processo de inclusão-exclusão racial no contexto de ensino superior brasileiro. Como a maioria dos estudos qualitativos (Sampiere; Collado; Lucio, 2013), este não busca testar uma hipótese, mas construir um mapeamento sobrevivendo do resultado da amostra, que, instrumentaliza o lugar de fala das autoras com este trabalho. Citamos como exemplo o artigo de Zanola (2023) e de Livia Silva (2022), que abordam os impactos do racismo estrutural e do epistemicídio negro na academia, sendo a escrevivência delas na Administração e no Serviço Social, respectivamente.

Elas foram inspirações que também encontramos pelo caminho, a fim de atribuímos sentidos às nossas memórias acumpliciadas pelo impresso na amostra, cuja fonte, a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), conta com produções desenvolvidas nas instituições brasileiras de ensino e pesquisa, de domínio público e acesso gratuito. Logo, a escolha por esta fonte de informações é política, para enegrecer e visibilizar a academia.

A composição da amostra foi realizada com os descritores “psicologia *and* escrevivência”, com filtros para o período de 2020 a 2025, nas áreas do conhecimento “Psicologia”; “Psicologia Social” e “Educação”. Desta busca foram obtidos 24 trabalhos, dos quais apenas 02 convergiram aos critérios relacionados aos objetivos deste estudo. O critério de inclusão consta de: i) referencial da escrevivência; ii) estudo sobre trajetória acadêmica vinculada à graduação e à área da Psicologia; iii) sujeitos-pesquisadores; iv) temática relativa ao racismo e a educação antirracista. Os demais 23 trabalhos foram excluídos.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Quadro 1 – Amostra inicial de dados

1	Oliveira, Tatiane Bezerra. Escrevendo resistências : a trajetória profissional de mulheres negras na Psicologia 25/07/2023 110 f. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Uberlândia. Biblioteca Depositária: SISBI - Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Uberlândia
2	Souza, Laysa Fontes de. Do Coletivo PretasPsi à escrevivência : uma aposta de aquilombamento na psicologia' 28/08/2023 66 f. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN.

Fonte: produção das autoras (2025)

Por resultado inicial, a amostra denota que as produções estão vinculadas à área de Psicologia, nível de mestrado, e, atestam a validação do formato metodológico e a escrevivência sobre a graduação em Psicologia.

Contudo, infelizmente, o trabalho de Tatiane Bezerra Oliveira (2023) não foi passível de acesso, apesar dos esforços: foi feito contato telefônico com a biblioteca da instituição de ensino superior que mantém o seu repositório, mas alegou problemas sistêmicos a inviabilizarem nosso acesso à dissertação. Então houve a busca pela autora, no google e redes sociais, que não retornou aos nossos contatos. Pelo exposto, foi eliminada da amostra.

Quadro 2 – Amostra final de dados

1	Souza, Laysa Fontes de. Do Coletivo PretasPsi à escrevivência : uma aposta de aquilombamento na psicologia' 28/08/2023 66 f. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN.
---	--

Fonte: produção das autoras (2025)

Portanto, o tratamento dos dados deste único material da amostra se deu pelo seguinte processo: a) leitura geral; b) compreensão imediata da narrativa; c) identificação durante a leitura compreensiva de categorias previamente anunciadas e em conformidade com os objetivos deste TCC, no que se refere à escrevivência na graduação em Psicologia: cenas de racismo; modos de superação do racismo, e; situações de visibilidade da educação antirracista.

Por resultado deste processo acima, emerge a construção de outra narrativa - descritiva não prevista em projeto e que trata de dados demarcados pela singularidade da pessoa (eu) entrelaçada ao coletivo identitário (nós) e em relação as (outras) pessoas, sob as vértices do racismo e da educação antirracista que aparecem na escrita da amostra e a corresponder ao

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

pressuposto por Shaughnessy, Zechmeister; Zechmister (2012, p.128): “a redução dos dados ocorre quando os pesquisadores sintetizam as informações verbalmente, identificam temas, categorizam informações, agrupam informações e registram suas próprias observações sobre os registros narrativos”. O que, aqui, pelo exercício da análise crítica se faz em perspectiva afrocentrada, decolonial e antirracista.

Devemos ressaltar que a dissertação em Psicologia de Karina Pereira dos Santos (2021) foi excluída da amostra por não se tratar especificamente de uma escrevivência na formação em Psicologia. Contudo, o documento traz dados relevantes sobre a existência de coletivos de estudantes negros no âmbito da graduação. Pelo fato, utilizamos a informação para reforçar a importância do aquilombamento neste contexto, pela força emancipatória e de letramento racial que proporciona. Isto nos pareceu providencial e potente para o enfrentamento de ruídos, debates e mudanças tanto estruturais e culturalmente particularizadas.

Ao final, entendemos que a escassez de material para análise pode desvelar o ineditismo metodológico da escrevivência no campo da Psicologia ou evoca o exercício da crítica e a necessidade de rompermos com práticas coloniais nas pesquisas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Notamos que existem três eixos relacionais que se articulam e sustentam as narrativas da amostra, tanto a principal quanto a complementar: **“eu”**; **“nós”**, e; **“outros/as”**. Através desses eixos, as temáticas de epistemicídio racial acadêmico (categoria de racismo); coletivo de estudantes pretas (categoria de enfrentamento) e justiça curricular (categoria de educação antirracista), foram identificadas pela leitura compreensível da amostra. Sendo assim, os conceitos-chave tramados na INTRODUÇÃO retornam à discussão.

Sobre o eixo **“eu”**, foi identificado que o racismo estrutural incide sobre o processo de subjetivação das pessoas, sendo que, no caso das pessoas pretas, a internalização impacta diretamente na produção do sofrimento psíquico, como efeito da racialização de seus corpos. Essa dinâmica é refletida por Frantz Fanon (2020) e Cida Bento (2022), que nos lembram da relação fundamental entre a linguagem e a formação da nossa subjetividade. Quando o contexto social, carregado de colonialidade, apresenta símbolos, práticas e discursos que diminuem a pessoa preta, tal qual é internalizada através da própria linguagem. Isso funciona como um mecanismo poderoso de desvalorização, que atinge o cerne da construção da nossa identidade.

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Como exemplo, Laysa Souza (2023) narra que aos 17 anos iniciou a graduação de Psicologia. Em sua trajetória, os assuntos relacionados ao racismo e ao feminismo lhe interessavam por um “não saber” e em seguida por significado de resistência. Neste momento, o “eu” é atravessado por dois marcadores sociais, raça e gênero, que espelham uma aparência distante do normalizado socialmente para ela, e, se tornam objetos de seus questionamentos por duas vias.

Na primeira via, existe a impressão de que “entre o branco e o preto, lá no pardo eu me encontrava” (Souza, 2023, p. 2023), embora motivada pela sua inclinação aos estudos sociais a abordar e problematizar o colorismo suscitado. Na segunda via, conta que seu encontro com a negritude, sem ser pela via do racismo, foi com a transformação do cabelo que “não me dizia só sobre um cabelo” (Souza, 2023, p. 17).

Assim, alega que passou por um processo difícil, de muitas dúvidas sobre si mesmo. Menciona que este processo de busca por uma identidade lhe causou conflitos interpessoais e familiares e afetou a sua saúde mental. Então ao buscar psicoterapia, considera que teve sorte, uma vez que a psicóloga branca era atenta ao processo histórico-social e a condição do racismo que atravessavam sua subjetividade. Elas dialogam sobre como a origem desse sofrimento não era individual, mas sim um reflexo das violências cotidianas perpetuadas pelo racismo estrutural.

Fica entendido que, “eu”, muitas vezes, vivencia atitudes discriminatórias positivas e sutis advindas do eixo “**outras**” pessoas, porém constantes e cumulativas, que inferiorizam o “eu” e termina por minar sua saúde psíquica. As chamadas microagressões, por Maria Luiza Borges (2024), que, produz forte impacto (devastador) sobre a saúde mental, tornando-se estressores crônicos que adicionam um fardo significativo à subjetividade.

Nesse processo, Layla Souza (2023, p. 18) percebe, sobre o racismo, que, “o ato de estudar para superar sua causa” é tão político quanto o sofrimento em si. Assim, nesta trama, passa a problematizar qual Psicologia era aprendida:

[...] Quebro aqui com os questionamentos que sempre me eram direcionados: se o que eu estava fazendo era mesmo psicologia (há um jeito único, absoluto, ou melhor de se fazer psicologia?) [...] Cheguei a me questionar também, mas não havia sentido se não fosse assim. Ao me reconhecer como uma intelectual negra na academia, me descompasso de tudo aquilo que esperam [...]. (Souza; 2023, p.10)

“Outras” pessoas parecem assumir a forma do espaço ocupado. Branqueiam tudo com a força do privilégio mascarado de meritocracia e terminam por confundir e apagar quem **“eu”**

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

poderia se tornar. É um controle racializado sobre as vidas, demonstrado por pesquisadoras(es) pretas(os) que o pacto da branquitude, a política de branqueamento e dispositivos de racialidade lembram constantemente as pessoas pretas de que seu corpo é “a carne é a mais barata do mercado” (Bento; 2022, Carneiro; 2005, Kilomba; 2019, 2020). Nos dizeres de uma estudante de Psicologia e colega preta de Layla Souza (2023, p. 21):

[...] Eu me recordo que enquanto mulher negra e periférica, os primeiros anos de graduação foram muito dolorosos, sempre que eu procurava meu eu enquanto graduanda, eu achava o lugar de depreciação, não me via naquele espaço, tão menos achava que era pra mim [...].

É quando ela retrata e reforça a noção de aniquilamento das pessoas pretas na sociedade brasileira, em específico, ao apontar para o epistemicídio racial acadêmico vivenciado por ela(s) na graduação em Psicologia; considerado pela autora a hegemonia de construção de saberes com referencial eurocêntrico e a invisibilidade de autores negros(as), que sequer são citados pelos professores de seu curso. Esse cenário é ainda mais agravado pela evidente falta de conscientização sobre a importância e a urgência de desenvolvermos letramento racial e uma psicologia preta nos dias de hoje.

Este passa ser o cerne da sua dissertação. Inclusive, cita Grada Kilomba (2019) e Livia Silva (2022), para contrapor as críticas acerca da escrevivência como método de produção científica. Layla Souza (2023) considera que, quando as pessoas negras são deslocadas do lugar de objeto de estudo para o de sujeitos de produção, questiona-se a neutralidade de suas produções, na tentativa de impor a elas o afastamento de suas experiências para o ateste do rigor científico, desconsiderando que o repertório da Universidade está circunscrito por uma realidade branca, heteronormativa, masculina e norte-eurocêntrica com vista à universalidade.

Layla Souza (2023) relata que neste processo do “**eu**” em busca por identidade, pode compreender muitos episódios de racismo vivenciados em seu cotidiano na graduação. Citou a vivência da negação ou desvirtuamento da finalidade de práticas afirmativas e inclusivas, como a de cotas raciais, como também apresentado na dissertação da Karina Santos (2021), quando:

[...] um outro professor branco, na Psicologia Humanista, afirmou que as ações afirmativas fariam diminuir o nível da universidade. À época, concordei constrangida, mas com o passar da graduação, vi que nosso desempenho não correspondia àquela profecia racista e fui pesquisar as resistências que construíamos diante de tal cenário [...] (Santos; 2023, p11).

Desta vivência de negação da presença se desdobra o sentimento de pertencer ao não-lugar. Assim, para o “**eu**” que experimenta este medo, desvelam-se também as feridas abertas

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

pelo colorismo com a construção de mecanismos para se definir “quem é ou não é negro” (Souza; 2023, p.46).

[...] processo de “tornar-se negra”: me enxergava como parda, não como branca e nem preta. No início da graduação, aconteceu o meu processo de transição capilar e não que tenha começado ali, pois somos pensados pela nossa identidade, “mesmo que nelas não pensemos” (Almeida, 2019, p.3), mas quando passei por esse processo e comecei a entender melhor sobre quem eu era para o mundo, naquele momento, a ideia da afirmação da minha identidade enquanto mulher negra se fazia necessário, pelo menos para mim [...] (Souza; 2023, p.45)

Enfim, a questão do colorismo é definida por Devulsky (2021) como um sistema de hierarquização social que segrega e molda as diferentes formas de negritudes presentes no Brasil. A psicanalista Neusa Souza (2021) explica que “da pele, ideologia de branqueamento e mito da democracia racial produziram um filtro, conduzindo negras(os) à ascensão de forma individual e comprometendo a solidariedade política racial por meio de discursos meritocráticos sobre a(o) negra(o)-exceção.” (Souza, 2021, p. 45).

Então somente assistindo ao documentário Negritudes Brasileiras, de Nataly Neri (2019), que finalmente toma à consciência a pluralidade racial que dela se espelha. Então retoma a informação fornecida por uma colega preta de Psicologia, para refletir junto a Layla Souza (2023, p. 32).

[...] Qual a Psicologia que desejo construir? E foi nesse desejo que juntamente com outras mulheres negras acadêmicas em Psicologia que fizemos surgir o PretasPsi. Nós queríamos nos juntar e pensar a partir de outros diálogos, de corpos negros que falam, teorizam e nos dão pistas para continuar. Juntas a gente se fortaleceu e ecoamos dentro da UFF – Campos dos Goytacazes. [...]

Dessa forma, constata-se que “[...] embora em algumas disciplinas de Psicologia Social tivéssemos a oportunidade de discutir sobre identidade racial, mestiçagem como dispositivo de controle, movimentos sociais e políticas públicas, esse debate era bastante pontual” (Santos, 2021, p. 58).

Nesse contexto, a busca por semelhantes pela internet e pelo campus da universidade foi a saída encontrada por Layla Souza (2023). Ela comenta que tais contatos foram suporte para que “pudesse compor a própria história” (Souza; 2023, p.46).

Então eis que o eixo “**nós**”, como acontecimento, no formato do coletivo PretasPsi se torna realidade. O coletivo foi composto por alunas do curso de Psicologia como um espaço para expressão e manifestação das vivências de mulheres pretas. Para além de um espaço de

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

acolhimento e troca de experiências relacionadas às vivências, o Pretaspsi possibilita a organização de ações direcionadas ao enfrentamento do racismo institucional na Universidade Federal em questão.

Layla Souza (2023) também discorre sobre as experiências iniciais deste coletivo: passar nas salas de aula; fazer recepção dos calouros; realizar estudos em grupo; formar parcerias com outros coletivos; entre outras ações. Nas redes sociais, apresentar sua agenda e participantes. Participar e integrar outros espaços, fazendo emergir e fortalecer a representatividade delas no Fórum de Saúde Mental em Campos dos Goytacazes, realizado na Prefeitura, por exemplo. No caso, tornar possível a coragem de dizer a verdade delas sobre elas para **“outros/as”**, porque **“nós”** dobra-se do **“eu”** em (re)existente. Como escreveu uma das integrantes do PretasPsi para a autora Layla Souza (2023, p.21): “eu me sentia assim (corajosa, grifo das autoras) perto das minhas pretinhas!”.

Nesse sentido, para entender melhor o que o PretasPsi significou para o coletivo, a autora busca por informações que evidenciassem sua potência, por meio de um questionário do *Google Forms*, com apenas duas perguntas: “Identifique-se, caso queira” e “Narre uma memória, um afeto, um momento importante para você relacionado ao PretasPsi” (Souza; 2023, p. 20). O questionário foi respondido por 12 das 70 integrantes do grupo, qualificando a importância do PrestasPsi, por meio dos testemunhos abaixo, resguardados por Souza (2023) em:

[...] Eu venho me transformando; fazendo uma revolução dentro de mim. Do lado de fora, outras revoluções também estão em curso. Ao falar delas, saúdo Beatriz Nascimento (2018), uma das autoras negras que inspirou, com o sentido de aquilombamento – a união do povo preto como uma revivência da essência dos antigos quilombos –, mulheres pretas graduandas de psicologia na criação do Coletivo PretasPsi, que segue operando mudanças na realidade de subjetividades pretas na Universidade [...] – (Souza; 2023, p. 30).

[...] apenas me foi possível ao me aquilombar junto às minhas companheiras do Coletivo PretasPsi. Coletivo fundado por mulheres negras graduandas em psicologia e psicólogas negras. [...] as compreensões que pude desenvolver durante este período [...] são frutos da relação de aquilombamento que construímos. Por conta disto, reúno em mim e nestes escritos, toda potência de meu quilombo e me aquilombo ainda junto aos autores negros e autoras negras para que juntos possamos entoar nossas vozes invisibilizadas, silenciadas [...] - (Souza apud Carvalho, 2023, p. 38).

De acordo com Karina Santos (2023), em outra Universidade Federal foi possível identificar os coletivos: Grupo Aláfia (Grupo de Pesquisa e Extensão em Direito, Estado e Relações Raciais, e Faculdade de Direito e Ciências do Estado da UFMG); Coletivo Andrea Marques (formado por estudantes de pós-graduação stricto sensu acadêmica e profissional, com

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

a maioria sendo mulheres; Grupo de Estudos em Negritude e Interseccionalidade (GENI) iniciativa de estudantes de Medicina e Enfermagem da UFMG; Vila Oculta de Negros das Exatas (IVONE), formado por estudantes da área de exatas, cursos de Matemática, Física e Engenharia Civil; Malungo formados por estudantes da Escola de Arquitetura da UFMG; Retomadas Epistemológicas (RE) estudantes do curso de Ciências Sociais; Movimento Negro (MN) UFMG composto por estudantes da graduação, pós-graduação, docentes e técnico-administrativos da universidade.

Pudemos observar que a formação deste coletivo se assemelha ao dispositivo do aquilombamento para fora do âmbito doméstico. Na Universidade, um espaço de interação, trocas e apoio mútuo; encontros que aproximam e mobilizam pessoas em torno de um objetivo comum. Por fim, a exemplo de Souza (2023) e Santos (2021) escrevem sobre a importância da formação dos coletivos acadêmicos negros para compartilhamento das dores, do enfrentamento e da transformação. E, ambas narram que a graduação tomou outra direção a partir da atuação e articulação desses coletivos pretos.

Também estive o PrestasPsi junto ao coletivo LGBTQIA+ da Universidade, além do coletivo de mulheres da cidade e de uma representante do CRP da região, para participação em roda de conversa chamada de “Frentes de resistência: ditadura, racismo, LGBTQIA+fobia, machismo e manicômio nunca mais”, na praça de Campo dos Goytacazes. A autora narra que caminharam a pé pelo centro da cidade até a praça e estavam nervosas porque iriam falar pela primeira vez. Registra sobre as “**outras**” pessoas, ao recordar que:

[...] Uma das primeiras falas de uma amiga que se encontrava ao meu lado, era sobre o passado que se fazia presente na Psicologia, sobre o racismo que se expande dentro desse saber. Essa pequena introdução fora entendida como uma ofensa e indignada com tal pontuação à integrante do CRP que se sentiu pessoalmente ofendida, pegou a palavra para si e dali disparou algumas dessas frases. “Mas nós não, nosso CRP tem até uma mulher negra”. “Por estar nessa instituição eu posso dar voz aqueles que não tem voz”. “Quando debatemos sobre raça, temos sempre uma pessoa negra pra falar” [...] Houve inúmeras tentativas para furar esse discurso, um dos integrantes do coletivo negro tentou falar e também foi silenciado, outra vez essa mesma amiga que iniciou a discussão, que já se sentia mal por ter falado, tentou fomentar seu argumento e foi em vão. Eu, estática vendo aquilo tudo acontecendo, me sentindo desconfortável e também silenciada, tentei mesmo assim falar, mas não consegui. Membros do coletivo Estamira que organizavam e mediavam a roda não intervieram, alguns até mesmo saíram de cena e esse momento durou cerca de duas horas. (Souza; 2023, p.43)

Neste momento da dissertação, Layla Souza (2023) se refere a esta experiência como “uma memória dolorosa, que apesar de me atravessar de uma forma desconfortável, deixa

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

explícito muitas coisas, dentre elas, o porquê da formação do coletivo e principalmente a necessidade de sua continuidade” (Souza; 2023, p.43). Essa necessidade se alinha com a urgência do conceito de lugar de fala, que Djamila Ribeiro (2017) explica, pois, o silenciamento e a dor que a amiga e os membros negros do coletivo sentiram diante da reação de uma pessoa branca mostram, sem rodeios, que o direito de falar sobre nossas próprias dores e experiências não é algo garantido a todos de forma igual.

Na verdade, esse direito é constantemente questionado e retirado de quem já enfrenta desigualdades. Por isso, o coletivo se ergue não só como um espaço político, mas também como um abraço acolhedor e uma trincheira afetiva. Aqui, o **“eu”**, que antes parecia sufocado, encontra voz, força e um lugar seguro para existir e se expressar em **“nós”**. Pois, no tocante ao termo políticas identitárias, baseado no prefácio escrito por Almeida (2019), no livro **“Armadilha da Identidade”**, de Asad Haider, a identidade é estabelecida nas relações sociais, ao passo que ela em si não é uma armadilha. Nesta perspectiva, a luta antirracista passa pela solidariedade entre os diversos grupos oprimidos, considerando as questões de classe. Qual seria a Armadilha da Identidade então?

Justamente a reflexão sobre o conceito de lugar de fala, no sentido de atentar à validação que se produz quando **“outras”** pessoas são enunciatóricas sobre determinada minoria. Como expresso pela representante do CRP da região – “que tem sempre uma pessoa negra para falar sobre questões raciais” – permite o exercício da crítica sobre o utilitarismo de quando “a branquitude - junto ao capital, são os únicos a se beneficiarem dessas armadilhas” (Souza; 2023, p.44): a branquitude reifica discursos de que as pessoas pretas não teriam a competência para falar de outros assuntos em ocasiões diversas do “novembro negro”. Esta seria a armadilha identitária.

Neste momento, dissertarmos sobre o epistemicídio racial, tanto acadêmico quanto cultural, bem como sobre aquilombamento, remete à necessária compreensão histórica e psicossocial destes acontecimentos. Destaca-se que “quilombos são lugares de combate ao racismo, luta, lugares ameaçados e ameaçadores das perspectivas coloniais, mas não nos limitamos somente a essa noção” (Souza; 2023, p.50). Por isso, o aquilombar-se torna, atualmente, “um levantar-se em resposta ao agora ‘universo colonial’” (Souza; 2023, p.51).

[...] narro a mim mesma, narro memórias coletivas de uma organização política e afetiva, movimentos insurgentes de um encontrar-se que ainda permanece se construindo para pensar na formação da Psicologia brasileira, rompendo com o papel da Psicologia como um dispositivo de controle, abrindo portas estas que servem para pensar Psicologias em consonância com epistemologias outras, pluriversais de visualizações de mundo (Souza; 2023, p.52)

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Lia Keller Ferreira da Costa (2021), especificamente, reflete sobre a funcionalidade dos coletivos em suprir seus integrantes dos meios para uma prática profissional apropriada, além da promoção da notabilidade da carência institucional acerca de uma educação que abarque a visão de mundo destes estudantes. Portanto, somente por **“nós”** é possível chegarmos à conscientização e ao embate do racismo institucionalizado no currículo do curso de Psicologia. Vale destacar que a experiência compartilhada pela autora dessa amostra de estudo, ao denunciar o silêncio e a dor provocados pelo racismo no âmbito da escolarização e da academia também ressoam nas nossas próprias vivências, mencionadas na INTRODUÇÃO.

Isso reforça que essa luta não é só teórica — ela é profundamente uma dobra entre pessoal e coletivo e precisa de atenção. Assim, apesar de **“outras”** pessoas, o coletivo PrestasPsi se reuniu e formulou uma carta proposta para a visibilidade do racismo na Universidade. Esta carta foi apresentada ao Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Psicologia.

[...] A nossa proposta de mudança da reforma da grade curricular foi levada para o colegiado de curso, um momento de ombros tensos e frio na barriga, indicando uma relação de poder já estabelecida tanto pela relação professor x aluno, quanto do racismo estrutural e institucional presente na Universidade. Era ali onde se encontravam todos os professores do departamento de Psicologia, lembro-me de haver uma recusa por quase todos eles, além de não aceitarem facilmente a proposta, postergaram a resposta, e o que ficou acordado na reunião por parte deles é que tínhamos que nos articular melhor [...] - (Souza; 2023, p.22)

O coletivo se deparou novamente com a resistência vazia de embasamento de alguns professores, que argumentavam ora o regulamento não comportar a proposição de reforma da grade curricular ora não haver referências bibliográficas para serem incluídas. Sobre esses argumentos, é destacado, com apoio de uma colega, integrante do coletivo, que registra Souza (2023, p.29)

[...] PretasPsi está no front para disputar o espaço de saber apontando um conteúdo gigantesco de produção de conhecimento preto. Não só de hoje, mas desde a formação consciente do que chamamos de humanidade sempre estivemos aqui pesquisando, conhecendo e produzindo, antes mesmo de existir o que conhecemos hoje como Universidade [...].

Situações como essa, torna familiar realidades históricas de não-reconhecimento como vivenciada por “Neusinha, como ficou conhecida entre amigos médicos e psicanalistas brancos [...] embora tenha alcançado algum sucesso profissional e financeiro, não teve o mesmo reconhecimento acadêmico que eles tiveram” (Santos, 2021, p. 38). Contudo, **“outras”** pessoas apoiaram o coletivo e foram importantes aliados institucionais. Tanto que uma colega do PretasPsi afirmou para Souza (2023, p.24):

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

[...] Foi um momento estressante e de denúncias, mas ao mesmo tempo foi lindo ver o tanto de mulheres negras juntas lutando para que nós e as próximas gerações de graduandos do curso pudesse experienciar uma formação diferente do que estava ali exposto. Mais tarde, vimos os resultados, professores e disciplinas passaram a discutir e usar teóricos negros em suas aulas [...].

Esse resultado não é aleatório: “a constituição de coletivos potencializa a permanência, possibilita olhar e ressignificar as feridas causadas pelo racismo, bem como o agenciamento de identidades negras e enfrentar o racismo na academia e ocupar seu lugar como um direito” (Santos, 2021, p. 218).

De volta ao “**eu**” e a escrevivência da amostra, espera-se “que as metodologias negras e decoloniais ocupem seus lugares de direito e que possam também se reinventar cruzando caminhos com outras metodologias. Que o comum extrapole as identidades” (Souza, 2023, p. 53). O que, alcançamos, com este TCC, ao evidenciarmos que:

[...] É possível através da história do Coletivo PretasPsi pensar as suas reatualizações no hoje, pensando-o como um lugar de acolhida, estratégia, respiro, uma alternativa de existência para além das opressões vividas, neste caso, dentro da Universidade e da Psicologia [...] - (Souza; 2023, p.50).

Entretanto, inevitável o alerta sobre o “**eu**” que se fez em “**nós**” para que a Psicologia, enquanto “**outra**”, seja retratada a favor da “população negra e indígena dos efeitos das suas práticas colonialistas, um saber psicológico impregnado pelos mecanismos de controle dos corpos racializados, onde colocava e coloca esses mesmos corpos como objetos a serem analisados” (Souza; 2023, p.54), apenas. Porque,

[...] fica fácil identificar a presença e grande influência das formulações teóricas de homens brancos [...]. Na psicologia, por exemplo, quem nunca acreditou que a teoria do inconsciente sustentada por imagens e configurações familiares da mitologia grega fosse de fato universal? - (Santos; 2021, p.32).

Por isto, insistimos na escrevivência proposta por Conceição Evaristo (2017), enquanto marco de conhecimento e ponto de partida de nossas leituras sobre a amostra deste estudo. Porque ela é compreendida como um ato político de produção de conhecimento, resistência e reexistência que possibilita a construção de uma metodologia científica brasileira e preta, insurgente nas Ciências Humanas e Sociais, notadamente, na Psicologia Social, recentemente. Neste sentido, a escrevivência se configura como a própria base para se pensar uma educação antirracista no ensino superior, necessária para refletir sobre a branquitude e o racismo na formação de Psicólogos(as).

CONSIDERAÇÃO FINAL - ESPERANÇOSA

Quanto à escrevivência, consideramos ser ela uma inovação metodológica e conceitual alinhada ao propósito deste TCC; embora não tenha sido a ferramenta procedimental de nosso trabalho, apenas em termos de abordagem conceitual. Ao adequarmos nosso intento à pesquisa qualitativa com fonte bibliográfica, consideramos o deslocamento do nosso objetivo para aqueles que já a realizaram também abarcaria o desejado.

Notamos que a escrevivência utilizada pela pesquisadora da amostra, bem como a leitura de artigos nesta temática, não se limita a uma escrita de si autocentrada, como bem pontua Felisberto (2020). Ela se configura como a articulação da escrita individual/autoral intrinsecamente ligada à uma história coletiva e ancestral vivenciada por pessoas negras no contexto analisado, em consonância com a perspectiva de Cavalcante & Cavalcanti (2021) - reflexionam-se os dados coletados, analisados e registrados por nós com vista à problematização desta suposta neutralidade sem implicar a perda da objetividade e do rigor científico.

Então o desejo tornou-se uma evidência: no curso de graduação em Psicologia discorrido na amostra encontramos dados relativos ao **epistemicídio racial acadêmico**, em que se denota um currículo e práticas discursivas de docentes engendradas ao **pacto da branquitude**. A superação deste modo de **dispositivo de racialidade** ocorreu em decorrência da formação de **coletivo negro emancipatório**, por **aquilombamento** e ativismo identitário, que, no âmbito da **educação antirracista**, reivindica o princípio da **justiça curricular** e da importância do **letramento racial**.

Somamo-nos, pois, a esta evidência encontrada na amostra para compartilhar sobre nós mesmas e das histórias que carregamos conosco. Observamos que o conceito de aquilombamento é vivo, adaptando-se e se deslocando para além do núcleo familiar, abraçando o movimento social e, especialmente, o movimento negro. Reconhecemos a pluralidade e a força deste movimento, mas também suas distinções, o que exige um olhar sobre os múltiplos fatores que influenciam a experiência da negritude no Brasil. Assim, a possibilidade de existir, ser vista e ouvida entre pares e, depois, entre não pares, revelou-se um pilar fundamental para a saúde mental e a mobilidade social.

A justiça curricular foi outro ponto encontrado como um acontecimento decorrente do coletivo de estudantes negros. A luta das PretasPsi sensibilizou e provocou o reconhecimento de alguns docentes sobre epistemicídio racial acadêmico. Enfim, problematizar a suposta

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

neutralidade na Psicologia, quando ela funciona como um dispositivo de racialização e distante de uma análise crítica, o que, por efeito, se torna capaz de gerar práticas de psicólogos(as) distantes, opostas ou dissonantes do seu dever ético pelo combate ao racismo, como preveem as normativas do sistema de Conselhos de Psicologia.

Assim, essas notas tecidas em decorrência das conversas e reflexões, apontam para a complexidade das experiências raciais e a necessidade imperiosa de uma educação antirracista como resposta à sociedade violenta do modelo colonial.

Pois, em relação as(os) estudantes de Psicologia não pretas(os), a dor e a dificuldade delas(es) acessarem à dimensão do sofrimento que o racismo produz - como o que se revela na experiência de um filho que precisa se preparar para abordagens policiais - apenas reforça a urgência de uma Psicologia que desconstrua os discursos de classe, raça e gênero reproduzidos em todos os espaços. Em relação as(os) estudantes de Psicologia pretas(os), a luta e educação antirracista ficam ilustradas no efeito potente da representatividade negra - como retrata uma das autoras, que aqui se torna também escrevivência, e, traduz a potência que buscamos:

[...] Gostaria de compartilhar uma observação que, embora não esteja diretamente relacionada à Psicologia, guarda semelhanças. Meu pai, prestes a passar por uma cirurgia, teve que lidar com a substituição da médica responsável. Ao chegarmos ao consultório, nos deparamos com uma médica negra. A sensação imediata foi de alívio, a certeza de que ele seria tratado com respeito e atenção, não como um objeto, mas como uma pessoa. Essa experiência reforça a importância da representatividade e da empatia no cuidado com o outro [...] – (Autoras; 2025).

Esta sensação de alívio e segurança diante da representatividade negra no cuidado com a saúde é um espelho da importância da educação antirracista e das ações afirmativas. Elas são a causa maior para a superação de um racismo estrutural, sendo a potência da educação a nossa resposta mais firme que se apresenta neste TCC.

Assim, o percurso da pesquisa atravessa a nossa jornada e, ao olharmos para o caminho percorrido, para as histórias lidas e para as que contamos, só podemos invocar a força que nos sustenta. A certeza de um cuidado humanizado, a necessidade de um olhar antirracista na academia, na clínica e etc. tudo isso é mais que conclusão, é um legado. Que este trabalho seja uma "Bença" — a bênção daquelas que vieram antes às que virão depois, e o legado para a construção de uma Psicologia verdadeiramente comprometida com a justiça e a dignidade.

Na nossa escrevivência, observamos que o princípio da justiça curricular pode ser identificado em algumas práticas docentes, a partir do lugar onde estamos em formação em

Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.

Psicologia. Provavelmente decorrente do letramento racial e da institucionalização de uma educação pautada em direitos humanos, observamos:

[...] a) uma movimentação pontual de professores ao modificarem suas experiências de aprendizagens em sala de aula, como nos estudos de casos, pois há inclusão de cenas e protagonistas, antes representantes de uma Psicologia neutra e universal e que responde ao ideal da branquitude, agora, capaz de abarcar a diversidade humana; b) alunas(os) pretas(os) e não pretas(os) tomam, cada vez mais, a consciência da temática do racismo mediadora dos debates em sala de aula e na esperança da formação de coletivos estudantis emancipatórios. (Autoras; 2025).

Enquanto estudantes do Centro Universitário Barão de Mauá, a ausência de coletivos pretos em nosso lugar de formação em Psicologia levou-nos a questionar se essa invisibilidade é fruto de uma alienação sobre o engajamento e ativismo dos poucos estudantes negros ingressos e frequentes, ou seja, naturalização das dinâmicas racializadas ou do racismo internalizado? Lamentamos não termos mais tempo para a formação de um coletivo de pretos e pretas e o quão significativo por validar um lugar sabido que poderia ter sido.

Quem sabe este TCC possa inspirar a outros(as) professores(as) e estudantes de Psicologia ao esforço de uma educação antirracista, quando a justiça curricular beneficiará, por fim, ao bem comum: o convívio social. Por isso, “bença, minha mãe, para lutar e escrever!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Prefácio. In: Haider, Asad. **Armadilha da Identidade: raça e classe nos dias de hoje**. São Paulo: Veneta, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª. edição; 2022.

BORGES, Maria Luísa Garcez. **Microagressões Raciais**: um estudo de caso sobre seus impactos na saúde mental e a necessidade de uma formação racializada em Psicologia. 2024. 61 f. Projeto de Monografia (Graduação em Psicologia) - Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), Brasília, 2024.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 18 out. 2025.

CAVALCANTE, Maria Betânia; CAVALCANTI, Pedro Rogério. Corpos que narram, territórios que resistem: escrituras de mulheres negras na literatura afro-brasileira contemporânea. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 3, e70820, 2021.

**Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.**

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional**; 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais**: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os. Brasília: CFP, 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP n.º 018/2002**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial.

COSTA, Lia Keller Ferreira da. **Os coletivos de estudantes negros/as das universidades públicas do estado do Rio de Janeiro e o combate ao racismo epistemológico**. 2021. 130 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2021. Disponível em: <https://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2022/10/Dissertacao-de-Lia-Keller-Ferreira-FINAL.pdf> . Acesso em: 27 out. 2025.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

EMICIDA. **Show AmarElo**. Intérprete: Emicida. Theatro Municipal. São Paulo, 27 nov. 2019

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrivência a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-181.

FRANTZ, Fanon. **Pele Negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; Prefácio de Grada Kilomba; Posfácio de Deivison Faustino; Textos Complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HARAWAY, Danna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, número 5, p. 07-41; 1995

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação**: episódios de racismo no cotidiano. Trad. José Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó; 2019.

KILOMBA, Grada. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele Negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo; Prefácio de Grada Kilomba; Posfácio de Deivison Faustino; Textos Complementares de Francis Jeanson e Paul Gilroy. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

MEDEIROS, Débora Borges. **Viajantes**: passado, presente e afrofuturo. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo. Editora Dandara, 2022.

**Trabalho de conclusão de curso de Psicologia do Centro Universitário
Barão de Mauá para obtenção do título de bacharel.**

NERI, Nataly. **Negritudes Brasileiras**. [S. l.]: Coletivo de Audiovisual Gleba do Pêssego, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SMIRaztcAwQ> Acesso em 18 out. 2025.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**: para familiares e professores. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Coleção Feminimos Plurais. – Belo Horizonte (MG: Letramento; 2017

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Sociologia das Ausências e a Sociologia das Emergências**: para uma ecologia de saberes. Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social. São Paulo: Boitempo, 2007, p 17 – 50.

SANTOS, Karina Pereira dos. **“Tudo que nós tem é nós”**: continuidades históricas do Movimento Negro e do Movimento de Mulheres Negras nas resistências coletivas ao epistemicídio na UFMG' 30/08/2021 260 f. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária da Universidade federal de Minas Gerais.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Sim, nós somos racistas**: estudo psicossocial da branquitude paulistana. Psicologia e Sociedade, vol. 26, número 1, abr., 2014. Doi: [10.1590/S0102-71822014000100010](https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010)

SHAUGHNESSY, John J.; ZECHMEISTER, Eugene B.; ZECHMEISTER, Jeanne S. **Metodologia de pesquisa em psicologia**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH (Grupo A), 2012.

SILVA, Livia Souza. **Mulheres negras e universidade**: uma reflexão sobre a permanência estudantil de discentes negras do curso de Serviço Social. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2022.

SOARES, Elza. **A Carne**. Intérprete: Elza Soares. Letra: Seu Jorge, Marcelo Yuca e Wilson Capellette. In: Do cóccix até o pescoço. [S. l.]: Maianga Discos, 2002. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yktrUMoc1Xw> . Acesso em: 27 out. 2025.

SOUZA, Laysa Fontes de. **Do Coletivo PretasPsi à escrevivência**: uma aposta de aquilombamento na psicologia' 28/08/2023 66 f. Mestrado em Psicologia. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão Biblioteca Depositária: BICEN.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

ZANOLA, Fernanda de Aguiar. **Escrevivência**: O Cansativo Processo de Ser uma Outsider Interna na Pós-Graduação em Administração. Revista de Administração Contemporânea, vol. 27, no. 5, e220354, 2023.